

Santa Gertrudes: itinerário de maturidade afetiva para uma cultura do encontro

*Saint Gertrud: Itinerary of Affective Maturity
for a Culture of the Meeting*

BENEDITO CARLOS ALVES DOS SANTOS*

Resumo: Olhando a vida das Santas Virgens da Igreja, fica evidente que Santa Gertrudes não deixou a desejar quanto à sua interna doação ao Rei dos reis, ao Esposo tão esperado. Colocou-se inteiramente a serviço do Reino de Deus quando passou pela experiência de amar e ser amada. Segundo tudo indica em sua biografia, órfã, deixada ainda bem nova aos cuidados das monjas, Gertrudes passou com eficiência por um processo de amadurecimento afetivo em cada fase de sua vida. Nela podemos ver o processo de apego e desapego sadio quando permitiu-se ser cuidada pelas monjas de Helfta. Mais tarde, ao passar pela experiência do luto na perda das monjas que lhe serviram de cuidadoras, abre-se a uma experiência ainda maior com Deus. Consegue então deixar os apegos terrenos, abandonando-se inteiramente na confiança de Deus. Assim sendo, em Santa Gertrudes, é possível fazer um olhar psicológico de maturidade afetiva.

Palavras-chave: Monjas. Santa Gertrudes. Maturidade afetiva.

Abstract: Looking at the life of the Blessed Virgins of the Church, it is evident that Saint Gertrude left nothing to be desired as regards her internal donation to the King of kings, to the long-awaited Spouse. She placed herself entirely in the service of the Kingdom of God when she went through the experience of loving

* Pe. Benedito Carlos Alves dos Santos é mestre em Direito Canônico pela Pontifícia Universidade Lateranense (Vaticano) e mestre em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP). E-mail: carlosalves_psic@yahoo.com.br

and being loved. According to all indications in her biography, an orphan, left still very young to the care of the nuns, Gertrudes passed efficiently through a process of affective maturation in each phase of her life. In it we can see the process of attachment and healthy detachment when allowed to be cared for by the nuns of Helfta. Later, as she experienced the mourning of the loss of the nuns who served as caretakers, she opens herself to an even greater experience with God. She can then leave earthly attachments, abandoning herself completely in the trust of God. Thus, in Saint Gertrude, it is possible to make a psychological look of affective maturity.

Keywords: Nuns. Saint Gertrud. Affective maturity.

Vida

A origem e o lugar de nascimento de Santa Gertrudes estão envoltos em espessa obscuridade. A julgar por uma indicação em suas revelações¹, parece descender de uma família ignota e não de estirpe nobre (MANUAL GERTRU-DIANO, 1914, p. 15-16). Alguns dizem que, talvez, ela fosse filha ilegítima de algum nobre daquela época, pois as crônicas do monastério dão muitos detalhes das outras religiosas que ali moravam, porém dela nada se diz. Por isso muitas biografias inventaram, sem fundamentos, questões sobre Santa Gertrudes.²

Vários autores e manuais são unânimes em dizer que Santa Gertrudes nasceu no ano de 1256, na Festa da Epifania, como se a providência divina quisesse indicar que com Gertrudes surgiria um astro fulgurante no céu da Igreja, o qual por muitos séculos havia de lançar seu brilho ameno nos corações cristãos. Isso aconteceu em Eisleben, na Alemanha.

Em 1261, com cinco anos, entrou no internato do mosteiro da abadia de Helfta. A pequena Gertrudes cresceu sob a orientação de Mectildes de Magdeburgo, Mectilde de Hackeborn, mestra das alunas, e de sua irmã, a abadessa Gertrudes.

O mosteiro floresceu rapidamente graças à dedicação da abadessa Gertrudes de Hackeborn (†1291), mulher de grande valor, notável por sua bondade e

¹ Revelações de Santa Gertrudes 1. I c. 9.

² Mensaje de la Misericordia Divina, Introdução, p. XVIII.

seu profundo interesse pela vida espiritual; proporcionava às suas monjas uma formação de alto nível. Sob seu pastoreio o mosteiro de Helfta torna-se lugar de cultura, oração e encontro com Deus. Estudam-se os Padres da Igreja, os autores espirituais, especialmente São Bernardo; todavia em primeiro lugar encontra-se a lectio divina, a leitura meditada, saborosa, cordial da Sagrada Escritura (Gertrudes de Helfta, 2003, p. 11-12).

Para entender melhor Santa Gertrudes precisamos nos localizar no tempo e, mais ainda, no estilo de vida a que ela se dedicou: *vida monástica*; mais propriamente: *monja beneditina*.³ Santa Gertrudes teve sua vida moldada na Regra de São Bento, que oferecia aos monges uma procura de Deus através da oração litúrgica (*Lectio divina*), o trabalho manual reabilitado e o estudo, mas também através e uma vida comum, fraternal, santificada menos pela mortificação do corpo do que pela doce autoridade do abade (*abbas – pai*) e a elevação do coração. Um Deus mais bem servido e amado graças ao testemunho da vida monástica: este foi o objetivo de Bento (Cf. PIERRARD, 1982, p. 58).

Há ainda uma discussão sobre se Santa Gertrudes era beneditina ou cisterciense. Uma coisa é certa: o monastério em que ela se encontrava era regido pela Regra de São Bento. Apesar de que algumas correntes, nesta época, eram cistercienses.⁴ Historicamente falando, a escola monástica, segundo a tradição beneditina da era medieval era um centro de estudos e formação intelectual no qual se cultivava a ciência sacra e a arte liberal.

Com apenas 19 anos de idade, foi eleita por unanimidade a abadessa Gertrudes, da nobre linhagem dos Hackeborn. Segundo contam os escritos, ela era uma verdadeira mãe espiritual de suas numerosas filhas. O amor ímpar transmitido a cada uma delas fazia com que todas se sentissem preferidas, e as crianças confiadas ao monastério para serem educadas recebiam dela a mesma mansidão. Entre as religiosas mais jovens brilhava ela como exemplo de santi-

³ Temos o mérito dos monges ou monjas beneditinas em Bento de Nursia, na Úmbria (Itália) por volta do ano 480 a 547. Em Subiaco, quando ainda jovem, sentiu-se abalado com a corrupção romana, que o levou a viver como eremita até o dia em que seus discípulos se tornaram tão numerosos que foi obrigado a fundar uma comunidade. Em Monte Cassino, sobre as ruínas do templo de Júpiter, ele constrói um monastério, que ainda hoje é considerado o coração da grande família beneditina. O elemento essencial da obra de Bento é sua regra (Cf. PIERRARD, 1982, p. 58).

⁴ Mensaje de la Misericordia Divina, Introdução, p. XVII.

dade e séria moderação. No meio das mais idosas expunha os tesouros de sua sabedoria e derramava luzes, consolações e alegrias, usando bondosamente de indulgência e de consideração delicada.

Lia verdadeiramente com zelo as divinas Escrituras, exigindo de suas filhas espirituais que amassem as Leituras Sagradas. Arranjava todos os livros bons que podia obter ou os fazia transcrever pelas irmãs e velava para que as educandas progredissem nas artes livres, dizendo: “Se a cultura da ciência decair, visto deixar de ser entendida a Sagrada Escritura, simultaneamente há de perecer a vida de uma ordem religiosa”.⁵

Sendo assim, a Abadessa Gertrudes era convicta de que fazia-se necessária uma séria preparação cultural dentro de uma comunidade religiosa, assim como o estudo sobre a Sagrada Escritura. Estes estudos deveriam fazer parte tanto da vida litúrgica como da piedade do mosteiro. Criou no mosteiro um centro de cultura e atividades artísticas.

Sob o constante cuidado amoroso dessa abadessa-mãe, a pequena Gertrudes ia crescendo no sagrado jardim do mosteiro, qual lírio cândido para a glória de Deus e satisfação das monjas, resplandecendo, brevemente, pelo brilho de todas as virtudes.⁶ Passou os anos de sua infância e adolescência com o coração puro e ávido deleite nas artes livres, ficando preservada pelo Pai eterno.

Gertrudes, já na adolescência, com viva inteligência, sentiu-se fascinada pelo saber, dedicando-se ao profundo estudo com ardor e fascínio. Sempre dedicada à oração, aos trabalhos manuais e à meditação, com grande inclinação pelos estudos.

Até então, não existem acontecimentos externos importantes em sua vida, salvo os referentes à sua vida interior. Trabalhou no escritório monástico, copiando os códices. Sua saúde nunca foi muito boa e, por isso, faltava muito nos atos regulares da comunidade, sobretudo no final de sua vida. Foi cantora junto com sua mestra Santa Matilde de Hackeborn.

Como se sabe, ser um monge ou uma monja, é viver dentro de um mosteiro, cuja principal dependência é a igreja. Ali rezam, atividade principal. Todas as dependências estão envoltas no claustro, um espaço ao ar livre e ajar-

⁵ Revelações Gertrudianas e Mechtildianas, Prefácio.

⁶ MANUAL GERTRUDIANO, Introdução, 1914, p. 18.

dinado. Antigamente, em especial no tempo de Gertrudes, eram comuns as enfermarias, onde se tratavam os doentes e se podiam fazer remédios com plantas e produtos naturais. Não podiam faltar as bibliotecas, onde as monjas copistas copiavam livros antigos e os ilustravam com iluminuras. Também era comum a albergaria, onde recebiam e deixavam descansar os peregrinos. Sendo assim, as monjas tinham diversas atividades: a reza, o ensino, o tratamento de doentes, a cópia e a ilustração de livros antigos, a preparação de remédios, o trabalho nos campos e a assistência a peregrinos.

Vida de comunidade

A comunidade monástica regida por Gertrudes Magna era bem conceituada e alcançou grande êxito. Chegou mesmo a atingir quase cem membros. Havia irmãs voltadas aos trabalhos mais pesados. A vida espiritual ficava a cargo da orientação dos dominicanos e também de alguns franciscanos (cf. Gertrudes de Helfta, 2003).

A vida fraterna da abadia de Helfta era bastante agradável e de grande delicadeza (Ibid). Esse é um fator muito importante, psicologicamente falando, para que uma pessoa possa crescer e desenvolver-se. Um clima que gera equilíbrio e dê segurança aos seus membros proporciona vida mais saudável.

A comunidade é um lugar ao qual pertencemos, em que se encontra nossa terra e nossa identidade. A família é nossa primeira comunidade (VANIER, 2001). O que poderíamos dizer de Gertrudes, que não teve muito a base de sua família de origem, pois foi colocada aos cuidados das irmãs, no mosteiro de Helfta, ainda com cinco anos de idade? A prova de que essa comunidade tinha realmente princípios humanos bem enraizados de acolhida do outro é que Gertrudes conseguiu viver a experiência de uma família, mesmo que religiosa.

Um filho pertence à sua mãe e essa pertença inicial se faz imprescindível para um ajustamento psicológico sadio. Quando uma criança sente que não pertence a ninguém, sofre de isolamento terrível, manifestado pela angústia (VANIER, 2001). Para a compreensão de pertença podemos recorrer a Bowlby (1969/1990). Observando animais, esse autor postulou que pressões evolutivas levaram os filhotes, particularmente os mamíferos, a desenvolver estratégias

comportamentais peculiares em sua relação com o cuidador, tal como manter proximidade com quem lhe dedica intenso cuidado. A isso pode-se nomear *imprinting*, que significa “estampagem”, ou ainda teoria do apego. O apego pode, deste modo, ser compreendido como o conjunto de comportamentos do bebê que se caracteriza não somente pela busca de proximidade física da mãe, mas também pela exploração do ambiente. Segundo a teoria do apego, a busca de proximidade física da mãe e a exploração do ambiente surgem no decorrer do primeiro ano de vida e permanecem intensas durante a primeira infância. Aos três ou quatro anos, esses comportamentos vão diminuindo e sua forma de expressão se modifica.⁷

A teoria do apego apresenta três fortes características: traz segurança, conforto e possibilidade de desenvolvimento. O apego seguro, por exemplo, depende da responsabilidade contingente dos pais em relação ao bebê, ou seja, da capacidade do adulto em mostrar-se sensível às pistas do bebê e responder nos momentos adequados com o sorriso, a fala, etc. (RIBAS et al., 2004). Mactilde de Hackeborn, com as demais irmãs, conseguem acolher Gertrudes como verdadeira filha espiritual a ponto de lhe suprir a ausência física maternal. Quando alguém se sente amado, compreendido como algo precioso, ouvido em suas necessidades, tocado com respeito, faz experiência da pertença a um outro, abre-se às experiências da vida, cria possibilidades, não se confina no ego destruído. Abre-se ao amado.

Um mosteiro, diferente do que muitos tentam construir como imagem, não é lugar de solitários, pessoas frustradas que buscam refúgio na solidão. Com Gertrudes é possível fazer uma interpretação da vida monástica como possibilidade de encontro maduro. Ali não estão os fugitivos.

Vivemos hoje no mundo da superficialidade, do descartável, da sociedade líquida. Os valores cada vez mais diluem-se como a água que escorre das nossas mãos, sem que sejamos capazes de detê-la. A vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante (BAUMAN, 2004).

Hoje o indivíduo está cada vez mais tentado a viver na superficialidade da vida. Tudo tem sido tão efêmero e passageiro que criar laços⁸ ficou difícil. Criamos o tempo do silêncio estéril, que não gera vida. A vida de Gertrudes

⁷ Ainsworth & cols., 1978.

⁸ Poderíamos citar a frase de Saint-Exupéry em *O Pequeno Príncipe*: “Criar laços e deixar-se cativar”.

quer nos mostrar que a vida contemplativa não é para solitários, fugitivos, mas para homens e mulheres comprometidos com a fraternidade. Os fugitivos nunca amam. Não amam porque buscam a si mesmos. Quando buscam o outro não é para amá-lo, mas para encontrar um refúgio. Essa máxima serve também para os enamorados. Muitos de nós fugimos de nós mesmos e a vida religiosa não responde a essa fuga. A fuga de si mesmo gera ansiedade, a doença moderna. A ansiedade é filha do medo, irmã da angústia. Ansiedade pode ser falta de sentido da vida, é não saber-se pertencente à comunidade (LARRAÑAGA, 1978). Uma chave de leitura bastante importante para nosso tempo moderno pode assim ser entendida: excesso de passado pode nos levar à “depressão”; excesso de presente gera “estresse” e excesso de futuro nos leva à “ansiedade”. São nossas doenças modernas.

A comunidade nunca pode ter primazia sobre as pessoas e não deve ainda suprimir a consciência pessoal, com intuito de conseguir uma maior unidade (VANIER, 2001). Que conceito tenho eu de comunidade? A comunidade deve ser lugar de encontro. Onde há encontro, há transcendência, onde as fronteiras foram superadas. Ali há paz e amor. Onde há amor, há maturidade, que não é senão uma participação na plenitude de Deus, onde não existe solidão (LARRAÑAGA, 1978). A vida religiosa não subsiste como “ente abstrato”, uma elaboração teórica do evangelho. Quem se propõe a viver na vida religiosa, em contrapartida decide viver com os outros. Por isso, em consequência, crescer na vida religiosa, requer a experiência de crescer no modo de estar com o outro. Experiência com certeza feita por Gertrudes. Qualquer relação depende de um outro (COLOMBERO, 2007).

E, todavia, viver juntos é trabalhoso e difícil. O fato de algumas pessoas, com temperamento, idade, procedência cultural e formação diferentes, cada qual com uma história individual, marcada de amor ou abandono, felicidade ou sofrimento, pessoas, portanto, satisfeitas ou em busca de compensações, escolherem viver juntas, possivelmente por toda a vida, não pode sem dúvida ser considerado um empreendimento de somenos importância. Trata-se, sim, de um projeto de vida que precisa levar em consideração os limites, o narcisismo, as feridas, o cansaço de cada um, e que pede o empenho de todos, sem exceção, quando o objetivo é construir uma comunidade em consonância com o evangelho e que ao mesmo tempo contribua para a formação da personalidade de cada um (COLOMBERO, 2007, p. 12).

A reviravolta – crise de maturidade

Levinson (1974-1978) nos apresenta uma classificação em três fases para a compreensão do desenvolvimento de um indivíduo adulto: 1) Saída do lar (18 a 24 anos); 2) Ingresso no mundo adulto (24 a 28 anos) e 3) Transição para a quarta década (28 a 33 anos). Ao olharmos para a vida de Santa Gertrudes percebemos que ela, com 25 anos de vida, depois de ter passado por um processo de infância, adolescência e juventude, é convidada a ingressar no mundo adulto. Não diferente da maioria dos mortais, também ela passa antes por uma crise de identidade. Vivenciou nessa fase a perda das irmãs que amava e que a tinham acolhido no mosteiro como filha: Mactildes e Gertrudes. Perde então suas grandes referências humanas. Ainda em Erikson (1987) é possível ver uma outra classificação das fases de desenvolvimento a partir da qual podemos interpretar a passagem da maturidade de Gertrudes. São, ao todo, oito fases apresentadas por Erikson: 1) Confiança x desconfiança; 2) Autonomia x vergonha e dúvida; 3) Iniciativa x culpa; 4) Diligência x inferioridade; 5) Identidade x confusão de identidade; 6) Intimidade x isolamento; 7) Generatividade x estagnação e 8) Integridade x desespero. Gertrudes teve a experiência dessas fases em sua vida. Por isso foi possível também a ela ter sua crise de identidade e, com forte base estrutural, conseguir superá-las.

Coube ao Pai das Misericórdias fazer em Santa Gertrudes uma obra nova, chamando-a, por sua graça, das coisas exteriores às interiores, das ocupações corpóreas aos exercícios espirituais, completando sua obra por uma significativa revelação. Ela se mostrava árida e quase com tédio nas práticas de piedade aos exercícios da vida religiosa. Com a idade de 25 anos, descobre a vida mística em uma visão, em 27 de janeiro de 1281, na festa de São João Evangelista, depois das Completas.⁹ Foi então que ela passou a conhecer à luz da graça, seu estado interior todo, tão desregrado e desordenado que não apresentava lugar ao divino Salvador, que lá dentro queria habitar.¹⁰ O castelo de sua vaidade e desordem, como mais tarde se exprimia, teve que ser arrasado. Afirmava que pelo orgulho chegara ao ponto de se tornar indigna do hábito monástico e de viver como cristã (Ibid).

⁹ No Breviário, Completas são as Orações da Noite.

¹⁰ Cf. Manual Gertrudiano, Introdução, p. 21.

Conta-se que neste dia teve uma visão em que Jesus Cristo falou com ela. Estando Gertrudes no meio do dormitório, depois de ter terminado as Completas¹¹, e tendo inclinado a cabeça, segundo a regra monástica, a uma irmã mais velha, que encontrou, e erguendo-a viu um jovem ao seu lado de pé. Esse jovem era amável e delicado, com mais ou menos dezesseis anos de idade. Tinha tal formosura, como Gertrudes mesmo o declara, que teria sua juventude O desejado que agradasse suas vistas externas (Cf. *Ibid.*, p. 25). De semblante afável e com palavras carinhosas, disse a Gertrudes: “Em breve virá sua salvação. Por que te consumes em tristeza? Acaso não tens conselheiro, pois transformou-te a dor?” (*Ibid.*, p. 25).

Enquanto Gertrudes ouvia estas palavras, embora estando no refeitório, tinha a sensação de estar no coro, no lugar onde costumava fazer suas orações túbias. E continuava a ouvir suas palavras: “Eu te salvarei e te livrarei; não temas!” (*Ibid.*, p. 26). Foi então que viu uma mão direita, tenra e delicada segurar a sua, como se confirmasse tais palavras numa promessa acrescentando: “Com meus inimigos provaste da terra e do mel, no meio dos espinhos; volta-te agora para mim e inebriar-te-ei com a torrente das minhas delícias” (*Ibid.*, p. 26). Nesse momento da visão Gertrudes se sente num espaço sem passagem e cercada de espinhos, onde não podia chegar até o tal jovem. Como estivesse do outro lado ardendo em desejo e quase desfalecendo, ele próprio, de repente, sem nenhuma dificuldade, tomando-a, levantou-a e a colocou junto de si. Então ela o reconhece naquela mão, da qual recebeu tal promessa, as preclaras marcas das chagas. A leviandade juvenil converteu-se-lhe daquela hora em diante em repugnância. Com o mesmo zelo que Gertrudes desenvolvera em prol das artes livres, agora se dedica a Jesus. Começaram a lhe causar fastio todas as coisas exteriores.

Não existe fraternidade sem amor

Como já dizia no Evangelho Nosso Senhor: “Nisto reconhecerão todos meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros”. A missão dada por Jesus de pregar o Evangelho vem junto com a máxima do amor da fraternidade. “Amai-vos uns aos outros”.

¹¹ Oração da Noite.

A espiritualidade e a mística das monjas de Helfta era cristocêntrica, tendo como base a Sagrada Escritura, a liturgia e a Regra de São Bento. O grande ideal era o de conhecer e amar mais a Deus pelo caminho da mais perfeita e íntima união com o Verbo encarnado. Talvez seja por isso que Santa Gertrudes tenha sido a pioneira na experiência do *Sagrado Coração*. A experiência do coração misericordioso que Santa Gertrudes tem em Jesus Cristo, o Verbo encarnado, nos ajuda a buscar uma espiritualidade encarnada. Temos um Deus que se faz homem e por isso leva-nos ao encontro do outro. Olhando para o Verbo Encarnado Gertrudes descobre que uma fraternidade verdadeira se faz na delicadeza entre as pessoas.

Quanto mais uma comunidade se aprofunda, tanto mais os seus membros se tornam frágeis e sensíveis. Quantas vezes pensamos o contrário disso? Achamos que quanto mais tempo gastamos com o outro, melhor deveriam ser nossas relações. Ao contrário, quanto mais conhecemos o outro, mais mistério se apresenta a nós. Mais o outro se expõe e se vai desvendando. Amar é tornar-se fraco e vulnerável, é tirar as barreiras, quebrar as carapaças, deixar os outros entrar em nós, e fazer-se delicado para entrar nos outros (VANIER, 2001).

A solidão mais penosa é a que se recusa a amar e a deixar-se amar. Seria uma espécie de autocastração (COLOMBERO, 2007). Gertrudes, faz experiência de um amor genuíno, primeiramente abandonando-se, ou seja, confiando sua vida às irmãs de Helfa. Permitiu-se ser amada. Mais tarde, quando a vida monástica começou a lhe parecer tediosa, abriu-se para uma experiência radical no encontro com o amado. O amor é nosso refúgio. Dele não temos como correr. Ele se faz no aqui e agora. A felicidade ou infelicidade está em amar ou não amar.

Alegrai-vos sempre no Senhor! Repito: alegrai-vos (Fl. 4,4). Sente-se alegre quem se sente em casa. Se não fizermos experiência da vida religiosa como uma verdadeira fraternidade, uma verdadeira família, onde somos aceitos por inteiro e aceitamos o outro por inteiro, não poderemos ser felizes. Alegria é estado de espírito. Gertrudes atingiu esse estado de espírito, pois fez experiência do amor (COLOMBERO, 2007).

A primeira forma (de vida monástica) é a dos cenobitas, isto é, aquela dos mosteiros. A palavra “cenobita” vem do grego: *koinós bíos*, que significa: “a vida comunitária”. O mosteiro é o centro de treinamento adequado

para aprender, no encontro com o irmão e a irmã, a lidar com sentimentos e pensamentos que não prejudiquem (BÖHN, 2013). Muitas vezes, nossa comunidade de amar está longe da regra do Evangelho.

Mentiras, ironia áspera, desinteresse, arrogância muitas vezes infiltram-se desapercebidamente no comportamento até dos mais bem-intencionados, e podem causar feridas profundas – nos outros, também na própria pessoa. Esse tipo de “perversão” anímica, de erros individuais, pode atingir de forma rápida e grave o todo, especialmente, embora não unicamente, nos ambientes fechados dos mosteiros. O mesmo vale para todo tipo de situações onde pessoas convivem, seja na família, na parceria, na amizade, no círculo dos conhecidos. Por causa do comportamento errado de indivíduos, mesmo involuntário, o todo sofre, por assim dizer, “adoece” (BÖHN, 2013, p. 56).

Como Gertrudes, também outras místicas descobriram o valor do amor da fraternidade. Entre elas podemos dizer de Santa Terezinha do Menino Jesus. Para melhor compreendermos Santa Terezinha temos a seguinte citação:

A caridade é a via excelente para levar seguramente a Deus. A caridade deu-me a chave da minha vocação. Compreendi que só o amor leva os membros da Igreja a agir; que se o Amor viesse a extinguir-se os apóstolos não anunciariam mais o Evangelho, os mártires negar-se-iam a derramar o sangue... Então, na minha alegria delirante, exclamei: Ó Jesus, meu Amor... enfim, encontrei minha vocação! Minha vocação é o Amor!... Sim, achei meu lugar na Igreja e esse lugar, meu Deus, fostes vós quem o destes a mim... No Coração da Igreja, minha Mãe, eu serei o Amor... Assim, serei tudo... Assim meu sonho se tornará realidade! (TEREZA DO MENINO JESUS E DA SAGRADA FACE, 1997, p. 213).

E ainda como cantou Santa Gertrudes o hino ao amor com palavras tão belas, palavras que expressam realmente alguém que faz experiência do amor profundo: Ó amor misericordioso! Por que mais uma criatura tão vil e tão ingrata, senão porque desejais torna-la bela em vós? Ó Amor, que sois a flor delicada que a Virgem Maria produziu, vossa misericordiosíssima bondade me seduz e me arrasta (GERTRUDES DE HELFTA, 2003).

O Papa Francisco tem batido bastante na tecla da necessidade da cultura do encontro. Como ele mesmo diz, o mundo sofre de múltiplas formas de

exclusão, marginalização e pobreza, como também de conflitos para os quais convergem causas econômicas, políticas, ideológicas e até mesmo, infelizmente, religiosas. Os muros que nos dividem só podem ser superados se estivermos prontos a ouvir e a aprender uns dos outros. Precisamos harmonizar as diferenças por meio de formas de diálogo, que nos permitam crescer na compreensão e no respeito. A cultura do encontro requer que estejamos dispostos não só a dar, mas também a receber de outros (PAPA FRANCISCO, 2014).

Referências

AINSWORTH, M. D. S. Object relationships, dependency, and attachment: A theoretical review of the infant-mother relationship. *Child Development*, 1969, n. 40, p. 969-1026.

ARAUTOS DO EVANGELHO, Revista n. 3, São Paulo, março de 2002.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido – Sobre a Fragilidade dos laços humanos*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BESSA, Ana Maria. *Os dois Corações*. Curitiba: Ed. Correio Rainha da Paz, 1996, 116 p.

BÖHN, Manfred. *Por que monges vivem mais*. A sabedoria dos mosteiros para o corpo, alma e espírito. São Paulo: Paulus, 2013.

BOWLBY, J. *A Secure Base: Parent-child attachment and healthy human development*. New York: Basic Books, 1988.

COLOMBERO, Giuseppe. *Vida religiosa – Da convivência à fraternidade*. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2007.

GERTRUDES DE HELFTA: *Vida e Exercícios Espirituais*. Juiz de Fora: Mosteiro Santa Cruz, 2003.

GRÜN, Anselm. *A oração como encontro*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2001. 148 p.

JOAOZINHO. *As doze promessas do coração de Jesus*. São Paulo: Loyola, 2000. 71 p.

LARRAÑAGA, Inácio. *Suba comigo*. 10. ed. São Paulo: Paulinas, 1978.

LEVINSON, D. J. Toward a conception of adult life course. In N. Smelser & E. Erikson (eds.), *Themes of work and love in adulthood*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1980.

MANUAL GERTRUDIANO ou Exercícios Espirituais de Santa Gertrudes Magna, Virgem da Ordem de São Bento, Ed. Portuguesa; Typographia de B. Herder, Friburgo em Brisgau, Alemanha, 1914.

MARMION, Colomba. *Jesus Cristo ideal do monge*. Porto: Ed. Ora & Labora, 1962. 680p.

MENSAJE DE LA MISERICORDIA DIVINA. *El Heraldo del amor divino*. Ed. Preparada por Manuel Garrido Bonano. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1999, 222 p.

PAPA FRANCISCO: MENSAGEM DO SANTO PADRE FRANCISCO PARA O XLVIII DIA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS “Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro” [Domingo, 1 de Junho de 2014]. Disponível em: <<http://www.franciscanos.org.br/?p=51823>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

PIERRARD, Pierre. *História da Igreja*. Trad. Álvaro Cunha. São Paulo: Paulinas, 1982.

RIBAS et al. Responsividade Materna e Teoria do Apego: Uma Discussão Crítica do Papel de Estudos Transculturais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2004, 17(3), p. 315-322.

S. GERTRUDES. *Gli Esercizi*, A cura delle Benedittine di Sorrento. 2.ed. Siena: Ed. Cantagalli, 1996. 195 p.

SANTISO, Maria Teresa Porcile. *Con ojos de mujer*. Lo femenino en la teología y en la espiritualidad contemporánea. Doble Clic, Montevideo 1997.

SANTOS, Benedito Carlos Alves. *Santa Gertrudes – Modelo de vida interior*. São Paulo: Paulinas, 2014.

SCHWAB, Artur. *Assim rezavam ao Espírito Santo... os santos, os Papas, os teólogos...* 3. ed. São Paulo: Loyola, 1995. 70 p.

TEREZA DO MENINO JESUS E DA SAGRADA FACE. *Obras Completas*. São Paulo: Loyola, 1997.

TESSAROLO, Adrea. *Theologia Cordis*. Trad. Claudio Antonio Pedrini, Bauru: EDUSC. 177p.

VANIER, Jean. *Comunidade: lugar do perdão e da festa*. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2001.

Artigo recebido em 30/11/2016 e aprovado para publicação em 08/03/2017

ISSN 1677-7883

DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v17i33-2018-2>

Como citar:

SANTOS, Benedito Carlos Alves dos. Santa Gertrudes: itinerário de maturidade afetiva para uma cultura do encontro. *Coletânea*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 33, p. 33-46, jan./jun. 2018. Disponível em: <www.revistacoletanea.com.br>.